



## TERCEIRO CENTENARIO DA RESTAURAÇÃO PERNAMBUCANA

### QUARTO CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO

Ao abrir, com este número, as atividades desta Revista, em 1954, não podemos deixar de referir-nos e associar-nos às comemorações que, neste mês, se levam a cabo ao ensejo do Tricentenário da Restauração Pernambucana e do Quarto Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo.

Aliás, o próprio Exmo. Sr. Ministro da Guerra, em Aviso de 5 de dezembro do ano próximo findo, determina a participação do Exército nessas comemorações.

O que há a salientar, na restauração pernambucana, é, antes de tudo, a nota de acentuado nacionalismo que, mesmo sob o domínio do português colonizador, começava a brotar nos corações de patriotas da marca de André Vidal de Negreiros, Henrique Dias, Felipe Camarão e seus valentes Capitães.

Em meio à política vacilante e dúbia do reinol, que chegou a transigir com os invasores e a dar ordens para a suspensão das hostilidades, os mestiços brasileiros já sentiam o direito à posse da terra, traduzido, na prática, pela desobediência a ordens tão absurdas.

Na consciência daqueles bravos, ainda jungidos ao quante do luso e, por causa deste, ao espanhol, já se levantava o espantallo da quebra da unidade geográfica brasileira, posta em perigo pela arremetida dos holandeses.

Vítimas das disensões dêstes com os espanhóis, os mamelucos associam-se ao índio e ao negro para repelir o bátavo, gente de outras terras, de outra língua, de outra religião e de outras éticas e que ali, no solo pátrio, desembarcara para escravizá-los.

Haveriam de lutar, êles, os verdadeiros donos da terra, para defender os seus canaviais, os seus engenhos, as suas mulheres e as suas vilas.

E, se impotentes, arrazariam tudo para que seus bens não fortalecessem o inimigo.

E, se batidos, retirar-se-iam antes que se submetessem a novos senhores.

Tal como na épica Retirada para as Alagoas, com esqueletos de bravos a pontilharem as estradas !

E também com um Calabar pendurado na força !

Desde o ataque à Bahia despontam, com Francisco de Moura e Francisco Padilha, os heróis da reação.

Os holandeses, batidos, capitulam a 30 de abril de 1625 e Salvador é libertada.

Mas nessa primeira luta nasceu a consciência do valor da nossa gente.

Sem organização e sem armas, o mestiço recorreu à luta do pobre : guerrilhas e emboscadas.

Surgia, no fundo, o exército nacional.

Chefes holandeses de valor como Van Dorth e Albert Schout pereceram em emboscadas, vítimas da tática primitiva dos patriotas.

Eram as primeiras vitórias, prenúncio de maiores glórias.

Mas veio a arrancada brutal contra Pernambuco.

São 150 velas, 1.200 bôcas de fogo e cêrca de 7.200 homens de desembarque !

Era demais para o pobre mameluco !

Recife cai. Os patriotas concentram-se no arraial de Bom Jesus.

Os bátavos procuram alargar a conquista para o Norte, mas, a princípio, a Paraíba e o Rio Grande do Norte os repelem.

Afinal, consolida-se a conquista estrangeira.

Vem Maurício, conde de Nassau, com os seus planos para a "Mauritzstadt".

Foi o ponto alto da colonização holandesa.

Com a sua retirada, após 7 anos de brilhante administração, começa o regime de opressão e violências.

A reação renasce, mais forte do que nunca.

Monte das Tabocas, a 3 de agosto de 1645.

Casa Forte, a 14 do mesmo mês.

A primeira Guararapes, a 19 de abril de 1648.

Era o comêço do fim.

Nêsse primeiro embate decisivo, os brasileiros ocupam, no dispositivo geral, o lugar que, de direito e de fato, lhes cabia, isto é, a vanguarda e os flancos.

São os audaciosos têrços de Vidal, Henrique Dias e Camarão.

Os portugueses quedam-se, inicialmente, na retaguarda.

São 4.500 experimentados couraceiros e 6 canhões holandeses contra as flexas e chuços de 2.500 luso-brasileiros.

Tanto melhor!

Sigismundo Van Schkoppe conhece o travo da derrota. O Coronel Hans morre e, com êle, 515 patricios seus.

Outros 523, feridos, aumentam-lhes as baixas.

Tão insólita vitória feriu fundo o orgulho do bátavo.

Haveria uma segunda Guararapes.

Sim, no mesmo local, mas onde as armas holandesas se desferrariam até às últimas conseqüências da ousadia dos nativos.

Houve, mas não como o chefe Brink sonhava.

Novamente são 4.000 invasores contra 2.500 luso-brasileiros.

Lá estavam, de novo, para defender o solo pernambucano, os têrços de Diogo Camarão (sobrinho de Felipe), Vidal e Henrique Dias.

Quando o ardente sol de 19 de fevereiro de 1649 se pôs, Brink estava morto e outros 1.028 comandados seus haviam mordido o pó da terra dos canaviais.

Os restos inimigos retiram-se para Recife.

Fôra-se o sonho da Companhia das Índias Ocidentais!

Daí por diante, os patriotas foram de vitória em vitória.

Cai o baluarte do Asseca.

O Forte Amélia rende-se a 21 de janeiro de 1654.

Finalmente, a capitulação da Campina do Taborda, a 26 de janeiro de 1654, data cujo tricentenário se comemora nêste mês.

A 27 de janeiro, o vitorioso exército luso-brasileiro entrava em Recife.

Esse exército, na maioria de nacionais, que se afirmava como uma expressão de fôrça e penhor da segurança e defesa da terra nativa!

Esse exército que restabelecera a integridade nacional!

Mais um dia, ou seja, a 28, e Barreto de Menezes entrava triunfante não em Mauritzstadt, mas na velha Recife, sendo recebido, às portas da cidade, por Van Schkoppe.

Vinha colher os frutos do suor e sangue do mameluco, do índio e do prêto, mais do que do reinol.

Estávamos no dealbar da nacionalidade!

Ainda não soara a hora da independência!

Mas se fazemos justiça a homens como Barreto de Menezes, Baquolo, Matias de Albuquerque e o bispo D. Marcos Teixeira, não podemos deixar de exaltar, ao ensejo deste tricentenário, os nomes imortais e muito nossos de André Vidal de Negreiros, Felipe e Diogo Camarão, Henrique Dias, Manoel Dias de Andrade, Antonio Dias Cardoso, Francisco Figueiroa, Felipe Bandeira de Melo, Sebastião Souto, Soares Moreno e tantos outros bravos que, naqueles idos do século XVII, tiveram a ante-visão de um Brasil uno e livre de estrangeiros!

"O heroísmo e o esforço indomáveis dos pernambucanos", disse Aliatar Loreto, "mantiveram a nossa unidade geográfica".

"A insurreição pernambucana", disse ainda, "exerceu profunda influência na formação da nossa consciência nacional".

"As duas vitórias retumbantes de Guararapes evidenciaram as grandes qualidades e as excelsas virtudes da raça que aqui se caldeava".

. . .

Recuemos agora 100 anos sôbre a vitória pernambucana.

Passemos do Norte para o Sul do Brasil.

Também num janeiro radioso, outro acontecimento, na aparência insignificante, se processava.

Nascia, com o Colégio de São Paulo e pela mão de insigne loiolano, no planalto piratiningano, a hoje portentosa cidade de São Paulo, orgulho dos brasileiros!

Dizer que tal acontecimento é simplesmente local é desprezar o que a Paulicéa significa na afirmação de um povo e de uma nação que caminham para altos destinos.

Deixando ao reinol, com S. Vicente, o tráfego litorâneo e as preocupações mercantis; deixando a João Ramalho, na borda do campo, com Santo André, o escambo de índios, Anchieta grimou o planalto e lá no alto, em posição entratéutica magnífica, levantou, consagrado ao Apóstolo das gentes, o coleginho de taipa que haveria de se afirmar como baluarte da conquista e catequese não de escravos, mas de almas para Deus.

Era primitivo, mas foi o núcleo da hoje mais populosa e vibrante cidade do Brasil.

Cedo, Anchieta e seus companheiros começaram a aldear índios e a defendê-los contra a sanha escravagista de João Ramalho e seus sequazes.

"O arraial piratiningano", no dizer de Berlinck, cresceu liberal, catequista e educador, em contraposição com a aldeola escravocata de João Ramalho."

Essa orientação, fundada no bom tratamento e na transmissão aos índios das benemerências da civilização européia, influiu decisivamente para a crescente prosperidade e supremacia do arraial jesuita.

Os padres deram-lhe, com o colégio, ofícios mecânicos, farmácia, templo e até o ensino da música.

Mas estava decretado que a novel povoação haveria de encontrar, no próprio reinol escravagista, o seu maior adversário!

Atirando-se à prea de índios sem elas e pelas, o português acabou levantando, contra si próprio, todo o serião, da Guanabara a S. Vicente.

E nessa luta inglória, a vilazinha de Anchieta foi vítima frequente.

Só em 1562 foi assaltada duas vezes pelos selvagens em fúria.

E não fôra a abnegação de Nóbrega e Anchieta, a entenderem-se com os selvícolas e a êles se entregando até, como refens, talvez a história de São Paulo fôsse outra.

Os jesuitas conseguiram a paz.

Mas, cedo, recomeçou a preagem de índios.

Nova reação.

Em 1590, formidável revolta sobressalta São Paulo.

Afinal, a superioridade das armas de fogo vai se impondo sôbre o arco e a flecha.

O índio, atemorizado, se retira cada vez mais para o interior.

O São Paulo loiolano decal.

Só mais tarde ressurge, quando os têrços bandeirantes retomam as pegadas dos selvícolas.

Mas êsse já é o comêço de um novo ciclo.

O São Paulo inicial surgiu do idealismo dos homens da Companhia de Jesus.

Mais tarde, foi o centro de onde se irradiaram os movimentos que alargaram as fronteiras ocidentais do país.

Foi o foco de movimentos de reação contra o reinol.

Foi o palco da independência pátria.

Foi teatro de lutas contra a opressão da Regência, do Império e da República.

Foi o cérebro de recente era econômica: o ciclo do café.

E hoje, finalmente, é a cidade mais industrial da América Latina, com as suas 7.000 fábricas.

Fundada num gesto de idealismo, a São Paulo viril haveria de ostentar, em tôda as suas aspirações, em tôda a sua história, enfim, essa ponta de idealismo original que a faz respeitada, feliz e orgulhosa em meio às demais cidades do Brasil.

Salve São Paulo!